

---

# PODEMOS PENSAR FILOSOFICAMENTE PELO CINEMA?

CAN WE THINK PHILOSOPHICALLY ABOUT CINEMA?

¿PODEMOS PENSAR FILOSOFICAMENTE SOBRE EL CINE?

---

Carolina Romanazzi Freire<sup>1</sup>

Brunno Amancio Marcos<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar as possibilidades de ensinar a pensar filosoficamente a Filosofia na sala de aula através da experiência estética com o Cinema. Nosso objetivo principal é pensar numa proposta metodológica que acene para um pensar filosoficamente e nos leve a refletir sobre as seguintes questões: a Filosofia, associada ao Cinema, pode nos trazer ganhos que nos possibilitem ensinar a pensar filosoficamente? E, ainda, qual a potência do Cinema na Educação? A metodologia empregada será a abordagem qualitativa com análise bibliográfica. Os resultados nos mostram que a presença do Cinema nas aulas de Filosofia pode trazer ganhos significativos no que concerne à experimentação do pensamento e à sensibilização pela Arte.

**Palavras-Chave:** Ensino de Filosofia; Cinema; Experiência filosófica.

## Abstract

This article aims to investigate the possibilities of teaching philosophy to think philosophically in the classroom through aesthetic experience with cinema. Our main objective is to think of a methodological proposal that hints at thinking philosophically and leads us to reflect on the following questions: can the philosophy associated with cinema bring us gains that enable us to teach how to think philosophically? What is the power of cinema in education? Is teaching philosophy possible? The methodology used will be the qualitative approach with bibliographic analysis. The results show us that the presence of cinema in philosophy classes can bring significant gains with regard to the experimentation of thought and awareness of art.

**Keywords:** Philosophy teaching; Movie theater; Philosophical experience.

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo investigar las posibilidades de enseñar filosofía para

---

<sup>1</sup> Possui licenciatura plena em Filosofia pela UFRJ (2015), Mestra em Filosofia e Ensino pelo Programa de Pós Graduação de Filosofia e Ensino CEFET-RJ(2018). Especialista em Educação, Trabalho e cultura profissional: multidimensionalidade da práxis docente na faculdade de Educação pela UFF em Niterói.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente, atua como Professor de Filosofia pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC RJ).

pensar filosóficamente en el aula a través de la experiencia estética con el cine. Nuestro principal objetivo es pensar en una propuesta metodológica que insinúe el pensamiento filosófico y nos lleve a reflexionar sobre las siguientes preguntas: ¿la filosofía asociada al cine puede aportarnos ganancias que nos permitan enseñar a pensar filosóficamente? ¿Cuál es el poder del cine en la educación? ¿Es posible enseñar filosofía? La metodología utilizada será el enfoque cualitativo con análisis bibliográfico. Los resultados nos muestran que la presencia del cine en las clases de filosofía puede aportar importantes avances en cuanto a la experimentación del pensamiento y la conciencia del arte.

**Palabras clave:** Enseñanza de la filosofía; Cine; Experiencia filosófica

## INTRODUÇÃO

Com a inserção de forma oficial da disciplina Filosofia, no currículo dos dois últimos anos do Ensino Médio, surgem importantes questões acerca de como essa disciplina curricular deve se configurar, além de como devem ser desenvolvidas metodologias de ensino que colaborem para que esses conhecimentos não sejam apenas apreendidos pelos/a estudantes, mas também desenvolvidos de modo efetivo pelos/as professores/as. A responsabilidade que recai sobre nós, professores/as de Filosofia, é visivelmente grande, sobretudo se considerarmos que já estivemos afastados dos currículos, além dos constantes ataques que ainda sofremos. Outra inquietação também permeia o ensino de Filosofia na Educação Básica, como, por exemplo, devemos ensinar Filosofia ou ensinar a pensar filosoficamente? Também dialogam com nossas preocupações a dificuldade de apresentar alguns conceitos filosóficos, com os quais os/as jovens ainda não estão familiarizados/as, ou, ainda, os poucos recursos metodológicos disponíveis, a linguagem dos textos filosóficos etc.

“O grande desafio para o ensino da Filosofia consiste em motivar aquele que ainda não possui nenhum conhecimento do pensamento filosófico” (MARCONDES, 2004, p. 64). O que podemos fazer, então, para motivar esses/as estudantes? Que elementos podemos usar para proporcionar experiências significativas com a Filosofia, que colaborem para a construção desses sujeitos? Para Gallo (2012, p. 97), “nessa etapa, estimulamos o sentido crítico e problematizador da Filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação”.

Desse modo, entendemos o Cinema como um importante aliado para levar a Filosofia aos/às jovens nos anos finais da Educação Básica, sobretudo por acreditarmos que boa parte deles/as já tem familiaridade com as narrativas

cinematográficas. Assim, cremos que o Cinema pode colaborar com o processo de sensibilização nas salas de aula. Salientamos que o uso dos filmes nas aulas não é algo inovador e justamente por isso nossa proposta é analisar a presença dos filmes não somente de forma instrumental, mas também como um recurso didático que proporcione uma sensibilidade estética. Partindo dessa sensibilização inicial, o que se propõe é tecer conversas que também sensibilizem acerca dos diversos problemas/questionamentos que permeiam a Filosofia.

Propomo-nos a pensar algumas questões: o que os filmes podem proporcionar quando inseridos em sala como um recurso didático? Qual a importância da experiência no que concerne ao pensamento filosófico?

### **PENSAR FILOSOFICAMENTE OU ENSINAR FILOSOFIA?**

Um importante ponto acerca do ensino da Filosofia no Ensino Médio é lembrar que a maioria dos/as estudantes só têm acesso à disciplina nas etapas finais da Educação Básica. Ou seja, muitos nem sequer sabem o seu significado e o objeto de estudo da Filosofia. Nesse sentido, já temos um desafio inicial que é motivar os/as estudantes, despertando seu interesse e os aproximando da Filosofia.

O grande desafio para o ensino da Filosofia consiste em motivar aquele que ainda não possui qualquer conhecimento do pensamento filosófico, ou sequer sabe para que serve a Filosofia, a desenvolver o interesse por este pensamento, a compreender sua relevância e a vir elaborar suas próprias questões (...) Deve-se então partir da realidade destes estudantes, de seu contexto, de sua experiência de vida, de suas inquietações. É preciso ser sensível a seus dilemas e interesses. (MARCONDES, 2004, p. 64)

A motivação é parte importante desse momento inicial, sobretudo porque para muitos/muitas pode ser a primeira e última vez que esse contato com a Filosofia como disciplina irá acontecer e que, aparentemente, para alguns deles a Filosofia não seja capaz de sanar demandas imediatas. Considerar a realidade dos/as jovens é fundamental para que os problemas filosóficos possam ser pensados no contexto em que os sujeitos estão inseridos.

Se pretendemos ensinar a pensar filosoficamente e não ensinar Filosofia, recaímos numa importante questão: como? Quais os caminhos que podemos trilhar que levem os/as estudantes a pensar filosoficamente? O pensar filosoficamente enquanto um ato está relacionado a algum elemento ou prática? Luckesi (1992) nos

aponta a ação do filosofar como um levantamento de valores que sustentam as nossas práticas. Os objetivos e questionamentos dessa natureza estão justamente em chegar ao lugar que a Filosofia se propõe, a saber: pensar o mundo à nossa volta. Segundo Savater (2000), “A dificuldade de ensinar filosofia é que esta disciplina consiste mais numa atitude intelectual do que num conjunto bem estabelecido de conhecimentos, cada um dos quais poderia ser separado sem diminuição de sua força assertiva do nome do seu descobridor” (SAVATER, 2000, p. 31).

Admitimos que a Filosofia tenha um aspecto fundamental que é o encontro com o *Outro*. Pensar no *Outro*, na perspectiva da Educação, é refletir sobre a possibilidade e a potência dos encontros com esse *Outro*. Ou seja, debruçar-nos sobre as reflexões e questionamentos que esses encontros são capazes de proporcionar. Ensinar a boa disposição ao encontro com as singularidades e conseqüentemente entender que nesses encontros residem as diferenças que compõem o aprendizado de cada sujeito que está envolvido naquele encontro. Ao falarmos de um pensar filosoficamente e da experiência de pensamento na Filosofia, referimo-nos a esses encontros com esses *Outros*. Propor a experiência do pensamento filosófico é considerar a multiplicidade de outros existentes e suas experiências a partir de nós mesmos e de nossos lugares e não de um outro *eu*. Pensar numa Filosofia como pensamento filosófico significa permitir que outras vozes ecoem, pensem sobre suas questões e façam seus questionamentos.

Considerando o ensino da Filosofia como a reflexão sobre um problema filosófico, podemos dar um importante passo para pensar metodologias que possam acrescentar às aulas elementos significativos no processo de pensar a Filosofia. Devemos lembrar que uma das primeiras questões acerca da Filosofia para aqueles que ainda a desconhecem é: o que é a Filosofia, qual seu campo? Sabemos que para nós, professores/as da disciplina, esse questionamento já é um grande problema na área de estudos da Filosofia. Como podemos notar nas palavras a seguir:

[À] diferença de outras disciplinas, nas quais a definição de seu campo não é um problema disciplinar complexo (para um geógrafo ou físico não é difícil deslindar seu território a partir de seus objetos de estudo), para a filosofia, a delimitação de seu campo já é um problema filosófico. (CERLETTI, 2009, p. 23)

Para Gallo (2012, p. 97), “nessa etapa, estimulamos o sentido crítico e problematizador da Filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de

questionamento, de interrogação”. Usaremos a palavra *conversação*, pois, a conversação diferencia-se do diálogo, pelo fato de que na conversação se explora o pensamento divergente, importando a ampliação de significados e ideias diferentes, mesmo que, talvez, sem conexão aparente. Já no diálogo se explora “o pensamento convergente, sendo relevante à busca de relações coerentes entre os significados discutidos, visando chegar a um consenso sobre o que é ou sobre o que não é” (CUNHA, 2002, p.77-78). Cremos que a ideia de *conversa* também colabora para que os/as estudantes fiquem confortáveis nesse percurso rumo à conceituação e tenham clareza que se trata de um processo, em cujo centro a experiência de todos/todas está sendo validada.

Gallo (2012) nos apresenta um caminho interessante para a apresentação da Filosofia através da experiência filosófica. Partindo da utilização de elementos como sensibilização, problematização, investigação e conceituação, o que se propõe é que os/as estudantes vivenciem a experiência do pensar filosoficamente.

A sensibilização acontece a partir da afetação que o/a estudante sofrerá em relação ao problema que se pretende trabalhar. Nesse momento, é importante que o/a professor/a leve à sala de aula recursos didáticos que aproximem os/as estudantes. Gallo (2012) traz sugestões como músicas, poemas, filmes etc. Essa etapa da aula é relevante para haver uma aproximação com o universo dos/as estudantes.

A problematização será aquela que abre caminho para transformar o tema levado em um problema. Partindo disso, propor conversas em sala que levam a questionamentos e modos de pensar o problema. O movimento de pensar o problema será aquele que possibilita o encontro com o conceito, ou a experiência do pensamento filosófico. Aqui se intensifica uma forte característica da Filosofia que é o seu caráter investigativo de pensar e repensar a realidade. “A Filosofia se propõe a pensar o fundo daquilo que estamos vendo. Põe atenção no que pode não ser visível, mas sim fundante. Examinar os cimentos desse edifício que chamamos de realidade” (CERLETTI; KOHAN, 1996, p. 04)<sup>3</sup>.

A etapa que constitui a investigação é aquela onde o/a estudante busca as

---

<sup>3</sup> No original: “La filosofía se propone pensar el fondo de lo que estamos viendo. Poner atención en lo que puede no ser visible pero si fundante. Examinar los cimientos de ese edificio que llamamos realidad”. (CERLETTI; KOHAN, 1996, p. 04). Tradução nossa.

ferramentas conceituais que colaboram com o estudo do que está sendo debatido. Aqui Gallo (2012) salienta a importância dos textos de Filosofia e da busca pelos filósofos e filósofas que possam dar subsídios para pensarmos problemas semelhantes aos que estamos apresentando.

O momento final é o da recriação conceitual onde os/as estudantes envolvidos/as no processo pensam na solução de um problema, partindo de movimentos que eles/as fizeram ao longo da aula. “Não se cria no vazio, com base em nada; são os próprios (...) elementos constitutivos que nos darão a matéria-prima para nossa atividade de criação ou recriação a partir de nosso próprio problema” (GALLO, 2012, p. 98).

Todos esses movimentos que nos levam ao conceito dão conta da chegada à experiência filosófica ou a pensar filosoficamente. Para Gallo (2012, p. 97), “nessa etapa, estimulamos o sentido crítico e problematizador da Filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação”.

## O CINEMA E A FILOSOFIA NA SALA

Propomo-nos a pensar a Filosofia pelo viés da experiência estética, sobretudo por pensar no lugar que ela possa ter na vida dos/as estudantes. Corroboramos com Cabrera (2006) principalmente no que concerne ao modo como as imagens produzem significados, o que ele vai chamar de *logopatia*, ou seja, razão e afeto entrelaçados no pensamento.

A racionalidade logopática do cinema muda a estrutura habitualmente aceita do saber, enquanto definida apenas lógica ou intelectualmente. Saber algo, do ponto de vista logopático, não consiste somente em ter “informações”, mas também em estar aberto a certo tipo de experiência em aceitar deixar-se afetar por uma coisa de dentro dela mesma, em uma experiência vivida. De forma que é preciso aceitar que parte deste saber não é dizível, não pode ser transmitido àquele que, por um ou outro motivo, não está em condições de ter as experiências correspondentes. (CABRERA, 2006, p.11)

O conceito de *logopatia* e a relação que se estabelece entre Cinema e Filosofia é a do resgate e da importância do processo de sensibilização no processo de ensino/aprendizagem. A importância da tentativa de experimentar ao que assistimos está associada à realidade dos sujeitos envolvidos no processo como possibilidade de pensar e problematizar conceitos, criá-los e recriá-los.

O autor também nos apresenta a ideia de *conceito-imagem* que indica que a

Filosofia pode elaborar seus problemas através das imagens com a mesma força e eficácia que o faz pelos textos filosóficos.

Os conceitos-imagem do cinema, por meio desta experiência instauradora e plena, procuram produzir em alguém (um alguém sempre muito indefinido) um impacto emocional que, ao mesmo tempo, diga algo a respeito do mundo, do ser humano, da natureza etc. e que tenha um valor cognitivo, persuasivo e argumentativo através de seu componente emocional. Não estão interessados, assim, somente em passar uma informação objetiva nem em provocar uma pura explosão afetiva por ela mesma, mas em uma abordagem que chamo aqui de logopática, lógica e prática ao mesmo tempo. (CABRERA, 2006, p. 36)

Trata-se de perceber que pelo Cinema podemos *aprender* algo. A experiência estética é aquela que tece uma mediação entre os sentidos e a razão e colabora para a formação intelectual do/a estudante. Assim, debater a relação entre a Filosofia e a experiência estética pelo Cinema se apresenta como uma alternativa didático-pedagógica para pensar filosoficamente. “A palavra estética significa não o sentido da arte, mas justamente os processos de estetização do mundo da vida” (WELSCH, 1995, p. 12).

Acreditamos que a Filosofia, por meio das imagens, pode ressignificar e redimensionar os processos de Educação, trazendo uma discussão acerca do papel das imagens não só na linguagem, mas também na formação. Filosofar por imagens nos leva a reconhecer que os/as estudantes têm aprendido pelos regimes de visualidades e construído ideias pelo desvelamento dessas imagens.

Sejam as imagens fotográficas, filmicas, televisivas ou informáticas, a ideia é pensar que as imagens fornecem um “modo de ver” os acontecimentos (...) É importante ainda situá-las na sua dimensão política na medida em que as convenções resultam de disputas no modo de ver as coisas em determinados contextos histórico-sociais. (MARTINS, 2007, p. 04)

Os filmes através de seus elementos – enredo, áudio, imagens, roteiro, personagens – são o resultado de uma leitura de mundo. Ou seja, resultado do modo como podemos ver e interpretar o que está à nossa volta. Uma análise sensível aos elementos que constituem a obra pode colaborar para pensar determinadas questões não só filosóficas, mas também envolver os/as estudantes na narrativa e torná-la um objeto de análise e problematização. Isso é o que entendemos como o Cinema presente em sala de aula apresentado de maneira não instrumental. Ou seja, não é meramente a apresentação do filme com o único objetivo de pensar que elementos filosóficos estão ali contidos, onde encontramos o conceito que iremos trabalhar,

ilustrar o que está sendo dito; mas também propor uma leitura crítica sobre a obra e pensar os elementos que a constituem. Rosália Duarte (2008) reforça que devemos explorar o Cinema na escola e sua importância como prática social e arte, pois além do exposto, as produções cinematográficas estão inseridas em um determinado contexto histórico e, por isso, carregam marcas específicas.

[A] exibição de filmes voltada exclusivamente para ensino de conteúdos curriculares, sem considerar a dimensão estética da obra, seu valor cultural e o lugar que tal obra ocupa na história do cinema. Se tomarmos os filmes apenas como um meio através do qual desejamos ensinar algo, sem levar em conta o valor deles, por si mesmos, estamos olhando através dos filmes e não para eles. (DUARTE, 2008, p. 69)

Se desejamos uma experiência estética, temos que ter alguns cuidados pedagógicos, pois apresentar o filme e não o problematizar ou não sensibilizar os/as estudantes sobre seus elementos é uma forma de deixarmos os/as estudantes no lugar de expectadores/as passivo/as. Conforme Dinis (2005) compreende:

É preciso corrigir um segundo equívoco: pensar o cinema como instrumento didático que possa ilustrar os conteúdos pedagógicos. Se o cinema pode ser um interessante aliado da educação, não é porque possa ilustrá-la, traduzir didaticamente em imagens e sons conteúdos formativos da cultura letrada. O cinema e a educação talvez possam fazer alianças pela capacidade de cada um desses campos afetar o outro (...) pode afetar produzindo um estado de ruído, de estranhamento na função comunicativa da educação de modo a levá-la a novos devires, à emergência de um novo tempo. (DINIS, 2005, p. 69)

O Cinema na escola pode proporcionar aos/às estudantes através de suas imagens uma experimentação do pensamento. É justamente o que precisamos apresentar a eles/as. A sétima arte pode apresentar o *Outro* em seus lugares, pensar e repensar conceitos. A ideia de que o Cinema pode fornecer não só entretenimento, mas também a possibilidade de domínio dessa arte a favor de seu desenvolvimento intelectual. Júlio Cabrera (2006), em sua obra *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*, afirma que “costumamos dizer aos alunos que, para se apropriar de um problema filosófico, não é suficiente entendê-lo: também é preciso vivê-lo, senti-lo na pele, dramatizá-lo, sofrê-lo, padecê-lo, sentir-se ameaçado por ele” (CABRERA, 2006, p. 16). Essas ideias dialogam com um pensar filosoficamente, com o se apropriar de problemas, buscar na Filosofia conceitos para pensá-los, criando e recriando conceitos.

O filme não será utilizado apenas como ilustração de um problema. Este será

tratado como unidade conceitual capaz de provocar a reflexão nos/as estudantes em torno de conceitos e a criação de novos conceitos por meio da reflexão filosófica fílmica que se dá por intermédio dos momentos que mencionamos no início deste artigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do Cinema na sala de aula pode funcionar como um importante recurso didático motivador para as aulas. Os filmes podem ser importantes aliados no processo de ensino/aprendizagem. Entretanto, como salientamos no decorrer deste artigo, é preciso pensar o modo como inseri-los nas aulas de Filosofia. Um pensar mais alargado sobre os métodos e como esses recursos serão inseridos se torna fundamental se desejamos proporcionar a experiência do pensamento e não a reprodução ou ilustração de conceitos.

Nesse sentido, propomo-nos a pensar a inserção dos filmes e sua apresentação não mecânica, pois acreditamos que as obras venham permeadas de perspectivas críticas e sua utilização como ilustração esvaziaria o conteúdo da obra na totalidade. Assim, a utilização dessas imagens deve colaborar com a experimentação do pensamento, leitura do mundo e experiência estética de afetação que o cinema pode proporcionar. Os filmes em sala de aula podem envolver os/as estudantes numa busca filosófica conceitual que demanda processos de sensibilização e reflexão que ultrapassam a transmissão de conteúdo.

O pensar filosoficamente se desvela não numa prática mecanizada de transferência de saberes, mas no debate e no lugar onde as ideias acontecem. Supõe-se que uma Filosofia através do Cinema, que objetive o encontro com a experiência e com o *Outro*, proporcione uma produtiva experiência do pensamento.

Como resultado, em nossas buscas, encontramos autores e autoras que pensam essa inserção do cinema na sala de aula e suas possibilidades de pensar o existente, e, por esse motivo, afirmar que o Cinema não deve ser utilizado como mera ilustração. Encontramos também em nossas buscas caminhos para ensinar a pensar filosoficamente, o que coloca os/as estudantes numa posição de edificadores de seus saberes e partícipes no processo de ensino/aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

CABRERA, Júlio. **O cinema pensa**: uma introdução à filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CERLETTI, Alejandro; KOHAN, Walter. ¿**Para qué sirve la filosofía en la escuela?** Filosofía y teoría política. Universidade Nacional da Prata: n. 31-32, p.4. 1996.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CUNHA, José Auri. **Filosofia na Educação Infantil**: fundamentos, métodos e proposta. Campinas, SP: Alínea, 2002.

DINIS, Nildo Fernandes. Educação, cinema e alteridade. In: **Educar**. Curitiba: Editora UFPR, n. 26, p. 67-79, 2005.

DUARTE, Rosália; ALEGRIA, João. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação & Realidade**. UERGS/Porto Alegre, v.33, n.1, p 59-79, 2008.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papirus, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

MARCONDES, Danilo. É possível ensinar a filosofia? E, se possível como? In: KOHAN, Walter. (Org). **Filosofia**: caminhos para o seu ensino. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SAVATER, Fernando. **O meu dicionário filosófico**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

WELSCH, Wolfgang. **Estetização e estetização profunda ou**: o respeito da atualidade do estético. Trad. Álvaro Walls. **Educação & Realidade**. UERGS/Porto Alegre, v. 6, n. 9, p. 7-22, 1995.

\* Artigo recebido em 17 de março de 2021,  
aprovado em 01 de junho de 2021.